

A ordem é persistir e economizar

ROVÊNIA AMORIM

A regra básica é economizar e persistir para tentar sair do sufoco e não estourar ainda mais o já minguado orçamento familiar. O auxiliar administrativo Waldemir Ferreira de Moraes, 25 anos, sabe muito bem o peso dessas duas palavras para quem está desempregado. Há dois anos corre atrás de um emprego, folheando os classificados dos jornais e espalhando cópias do seu currículo pelas empresas do DF. A resposta é sempre a mesma: não há vagas.

"Nem mesmo os 11 cursos profissionalizantes que fiz ajudam", lamenta Waldemir que mora com a mãe e um irmão, que trabalha com serigrafia no quintal de casa, no Guará I. A pensão da mãe, que é viúva, e o salário do irmão somam R\$ 430,00. "Se estivesse empregado poderia ajudar em casa, principalmente na cesta básica", conta, sem se intimidar em mostrar as prateleiras vazias da geladeira. "Aqui a ordem é economizar para não estourar as contas no final do mês".

Borracheiro - O último emprego de Waldemir foi um estágio remunerado, ainda quando fazia o curso técnico de administração de empresas. "Depois só consegui um bico trabalhando oito horas por dia, de domingo a domingo, como ajudante de borracheiro para ganhar um salário e meio", diz. Ontem, no final da tarde, depois de ter preenchido quatro fichas de inscrição no Sistema Nacional de Emprego (Sine/DF), Waldemir recebeu o retorno do órgão, lhe oferecendo emprego de auxiliar administrativo em uma empre-

sa da Asa Norte. "Se der certo, agora vou poder pagar as contas quando sair com a minha namorada", planeja, sem conter o entusiasmo.

O drama de Waldemir é praticamente o mesmo dos desempregados Raimundo Pedro, 41, do Recanto das Emas, e de Cledson Macedo, 26, do P Norte, na Ceilândia, que faziam fila ontem na Galeria do Trabalhador, no Setor Comercial Norte, na esperança de conseguir um emprego. "As economias que eu tinha já estouraram. Se não conseguir nada o jeito é começar a vender os móveis. No almoço, o prato é arroz, feijão, carne e só. Não dá mais para comprar legume e fruta", conta Raimundo.

Índice - As filas frequentes de desempregados na Galeria do Trabalhador têm explicação, segundo o sociólogo Mário Magalhães, gerente de Estudos e Pesquisas da Secretaria de Trabalho. Segundo ele, de 1996 até o primeiro trimestre deste ano, houve crescimento do desemprego no DF e nas principais regiões metropolitanas do Brasil, justificado pelo aumento da População Economicamente Ativa (PEA) e pela retração da oferta de emprego.

Enquanto a PEA entre 93 e 94 registou crescimento médio de 12,4 mil pessoas, entre 95 e 96, o aumento médio foi de 19,3 mil. E, paralelamente, a média anual que era de 14 mil empregos despencou, no mesmo período, para 7 mil. "O número de desempregados que era em 93 e 94 de duas mil pessoas, saltou para 12 mil", assinala Magalhães.